

COMPARANDO O USO DAS LÍNGUAS PELOS FALANTES DE MINORIAS LINGUÍSTICAS: O CASO DOS DESCENDENTES ALEMÃES NO BRASIL E O CASO DOS GREGOS NA GEÓRGIA¹

Konstanze Jungbluth

RESUMO

Minorias são regularmente o resultado do processo de emigração. Meu trabalho compara o uso linguístico de dois grupos que compartilham uma experiência de emigração por várias gerações, um deles são os alemães que vivem no Brasil e o outro os gregos, na Geórgia. Quais línguas os jovens adultos convencionam? Como o uso dessas línguas difere da prática dos seus pais e avós?

PALAVRAS-CHAVE: minorias; migração; uso da língua.

Introdução

Faz muitos anos que eu acompanho a briga pelo uso regular da língua catalã, língua minoritária falada na Espanha e em outros países (JUNGBLUTH, 1984, 1992). O trabalho sobre o uso do catalão nas escolas, pouco depois do fim da ditadura de Franco (JUNGBLUTH, 1984), foi completado por uma tabela que mostra todos os conflitos mencionados naquele tempo pelos meus informantes, professores, inspetores, políticos, funcionários, padres, alunos e diretores dos centros educativos.-

Nesta contribuição, pretendo comparar o Brasil e a Geórgia, dois países localizados respectivamente na América Latina e no Cáucaso. Hoje em dia, ambas as sociedades mostram um uso multilíngue e uma aquisição de vários

¹ Agradeço a Layla C. I. Souto pela atenta revisão desse artigo anterior à da equipe dos Cadernos de Letras da UFF.

idiomas como primeiras línguas, enriquecendo o seu repertório com outras línguas adquiridas mais tarde como segundas ou terceiras. Essa experiência cotidiana de uma aquisição simultânea de várias línguas nessas comunidades, vivida em muitos lugares do mundo, é profundamente diferente da expectativa eurocêntrica de aquisição de uma só primeira língua e, possivelmente, de outras adquiridas mais tarde. Como se distingue o repertório e o uso das línguas entre as últimas três gerações nesses países da América do Sul e do Leste Europeu?

Desde Ferguson (1959) tem se tornado evidente que sociedades bilíngues não usam a língua autóctone e a(s) língua(s) alóctone(s) no mesmo espaço. Ao invés disso, uma diglossia estável depende do uso complementar das duas ou mais línguas em espaços distintos, formando rotinas convencionalizadas pela sociedade no dia a dia e em dia de festa.

O uso das línguas minoritárias nas chamadas ilhas linguísticas na América Latina, como na maior parte dos países pós-soviéticos até a segunda metade do século XX, está, hoje em dia, diminuindo por causa da melhoria das rodovias e da infraestrutura em sentido amplo, como as possibilidades geradas pelas comunicações modernas (tais como a imprensa, o rádio, a televisão, a internet, etc.) que implicam o fim de um desenvolvimento isolado. A abertura da comunidade linguística e as influências do exterior favorecem incontestavelmente o bilinguismo e a bilingualidade (SAVEDRA, 2009) de todos os membros da geração mais nova, que adquirem uma competência importante na língua do país (*language of the host community*), regularmente equivalente ou ainda superior à competência na sua língua primeira (materna). Muitos descendentes desenvolvem uma forte preferência pela língua dominante, ao menos no contexto nacional.

Ainda que na época da internet o contato com a língua padrão esteja aumentando, isso não implica que as peculiaridades da variedade falada pelos antecedentes, desenvolvidas por muitas gerações, desapareçam. Também no contexto urbano, é possível observar um desenvolvimento distinto do uso linguístico em comunidades alóctones. A citação seguinte reflete essa divergência a partir do exemplo do grande grupo de hispanofalantes migrantes e cidadãos dos Estados Unidos, que aprendem mais ou menos simultaneamente a língua de seus pais (maioritariamente uma variedade latinoamericana do espanhol) e o inglês americano:

[C]oncentrating on the grammars of second-generation Hispanics in the U.S. scholarly opinion has gravitated toward the position that the Spanish of these speakers reflects a process of incomplete acquisition. This paper invites examination of the alternative view, namely: what we observe in second-generation bilingual Latinos is not errors, as they are frequently described in the literature, but rather points of divergence between their Spanish and that of the previous generation, due to normal intergenerational language change accelerated by conditions of language contact (OTHEGUY, 2016, p. 302-303)

Essa comunidade de falantes pode, certamente, ser comparada às comunidades focadas nesta contribuição quando consideramos as diferenças entre a língua falada e a língua padrão em primeiro lugar. É incomparável, entretanto, o número de membros que podem atuar como interlocutores e a pluralidade dos órgãos de comunicação social, os quais são importantes, por um lado, para a diversidade temática, e, por outro lado, para a expansão do raio de uso da língua. Precisamente para os membros da comunidade que migraram para as cidades (por exemplo, Blumenau ou Rio de Janeiro, no caso dos alemães no Brasil, e Batumi ou Tbilisi, no caso dos gregos na Geórgia), os seus interesses e a escolha entre eles cumprem um papel importante. A pesquisa sobre galês como língua de herança na Inglaterra plausivelmente mostra que

a H[eritage]S[peaker] who ranked among the most fluent, according to our measures, may simply be uninterested in the content of Welsh media and therefore report very little regular exposure to these materials. [...] Several informants simply dismissed the content of Welsh language programming as uninteresting or claimed they just didn't have the time to read Welsh newspapers in addition to their primary, English language news source. (BOON, 2014, p. 145-146; as informações entre colchetes são de minha autoria)

A pesquisadora americana indica evidência de que o contato regular com a língua de herança, mais concretamente quatro a cinco horas por semana,

forma uma base sólida para manter (a) um alto grau da sua competência oral em natureza e magnitude do conteúdo linguístico dos turnos de fala, (b) um alto coeficiente de sílabas por unidade de tempo, (c) um grau de complexidade sintática com referência à integração de frases subordinadas e, finalmente, (d) a falta de atraso na busca de palavras (BOON, 2014, p. 141).

O meu trabalho tem cinco partes. Primeiramente apresento as características mais importantes da minoria alemã no Brasil com foco em uma comunidade no estado do Espírito Santo. Depois apresento a comunidade grega minoritária bilíngue de duas faces, na Geórgia, que falam duas línguas bem distintas. Em seguida, o texto se desenvolve em três seções equivalentes às três gerações (falantes jovens, os seus pais e os seus avós) a fim de observar o uso da(s) língua(s) nessas gerações. A descrição da sua competência linguística inclui também o lado perceptivo da compreensão.

A minoria alemã no Brasil

Há pouco tempo que o Brasil acaba de desenvolver uma identidade de um país multilíngue e pluricultural. O país adotou um plano político para impulsionar a visibilidade de sua riqueza linguística mostrando a herança multiétnica do seu povo². O primeiro passo concedeu prioridade às línguas indí-

² Faço lembrar sobretudo o *Decreto nº. 7.387, de 09 de dezembro de 2010: Inventário Nacional da Diversidade Linguística* que, como o seu nome já indica, promete listar as palavras e, às vezes, a gramática de outras línguas faladas no Brasil, ao lado do português brasileiro. Esse esforço político é acompanhado de um processo para conceder a cooficialidade local ou regional dessas línguas e o seu uso (línguas europeias e outras) nas escolas ao nível dos *municípios* responsáveis no Brasil para a educação das crianças até a idade de mais ou menos 10 anos (*Lei Municipal 987 de 27 de junho de 2007*). Assim, o pomerano foi codificado (há dicionário e gramática pomerana) e forma parte da instrução no currículo da escola em Pancas (ES). Uma situação semelhante acontece em Santa Maria de Jetibá-ES (*Lei Municipal 1136 de 26 de junho de 2009*). Finalmente, para a língua Hunsruck, outra variedade falada por um grupo importante de imigrantes alemães, foram elaborados material escolar, a base de um léxico normativo e uma gramática de referência anteriormente obtida. Também os alunos morando em Antônio Carlos-SC gozam agora uma educação bilíngue (*Projeto legislativo 132 de 9 de fevereiro de 2010*), como é o caso em Santa Maria do Herval-SC e Antônio Carlos-SC. Além disso, já em Março de 2005, duas escolas bilíngues espanhol-português brasileiro localizadas perto da fronteira foram inauguradas. Iniciativas semelhantes foram tomadas pelos descendentes italianos promovendo o uso da sua língua *Talian*, relacionada ao dialeto do Veneto. Entretanto, essa comunidade dá preferência ao registro do seu léxico

genas. Mas, quando o *Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política linguística* (IPOL) tomou a responsabilidade de promover o plurilinguismo, todas as línguas minoritárias, autóctones ou alóctones, puderam pedir ajuda financeira.

Todas as línguas faladas ao menos pelas últimas três gerações³ podem se fazer potencialmente autóctones no território brasileiro (MORELLO, 2012). As iniciativas em favor do seu uso, aquisição e divulgação, para a documentação em forma de inventário, etc., podem pedir ajuda estatal. Tacke (2015) ordena os graus de autoctonidade (*autochthoness*) no contexto moderno ao longo de um *continuum*, que tem como pólos autóctone e alóctone. A linha do tempo mostra um ponto crítico na entrada do século XX, que ligeiramente difere da regra das três gerações aplicada no Brasil.

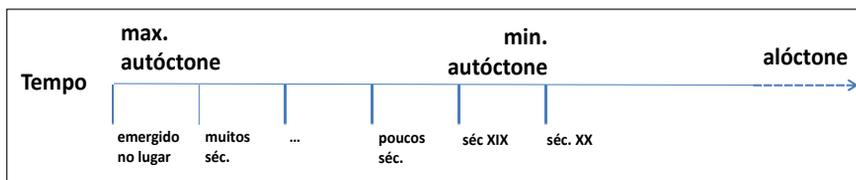


Figura 1: Graus de autoctonidade linguística (TACKE, 2015, p. 115).

Os falantes bilíngues alemão - português brasileiro no sul do Brasil deveriam ser caracterizados mais precisamente como multilíngues por falarem, além do alemão padrão, as variedades Hunsruck ou Pomerano. Essas falas são agora reconhecidas como línguas minoritárias. Recentemente, foram transferidas para forma escrita com ortografia própria, gramática e dicionário para o uso escolar, para que sejam aptas a serem usadas como meio de ensino. O multilinguismo não está limitado às línguas português brasileiro e alemão, mas, de forma tripla, o que implica para muitos falantes e ouvintes a variedade de herança. Para muitos, essa última representa ainda hoje a primeira língua

e aos aspectos gramaticais, aumentando, assim, o *corpus* integrado do já mencionado *Inventário Nacional da Diversidade Linguística* (INDL) (MORELLO, 2012, p. 34; GAIO, *no prelo*). Há alguns anos, essa variedade conseguiu um primeiro registro como herança cultural imaterial pelo *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (IPHAN).

³ Voltarei a falar sobre a regra das três gerações na última parte dessa contribuição enfocando o retorno dos japoneses latinoamericanos, entre eles muitos do Brasil para o Japão (ver VOGELANG, 2016).

(também chamada de língua materna)⁴. Para outros, essa variedade de herança deve ser considerada língua estrangeira, já que eles compartilham o lugar, mas não a descendência. Até para muitos descendentes de imigrantes alemães, podemos observar uma troca do alemão pelo português brasileiro, a língua nacional e língua primeira da maioria (ZINKHAHN RHOBODES, 2012).

Por um lado, existem núcleos etnoterritoriais onde as línguas minoritárias mostram vitalidade, por exemplo o pomerano nas regiões mencionadas no Espírito Santo ou o Hunsruck no Rio Grande do Sul. Os falantes alemães (e semelhante coisa pode-se dizer sobre os falantes de outras línguas de migrantes) são todos multilíngues (Laudien 2010) e, cada dia mais, estudantes aprendem o alemão como língua estrangeira, sobretudo os jovens e moradores de zonas urbanas localizadas no sul do Brasil. (JUNGBLUTH/ROSENBERG, *Ethnicity in Motion*: DAAD Projektantrag, 2014, XIV)

O convite aos pomeranos e aos moradores do Hunsruck, ao lado de outros Europeus que migraram para o Brasil, precede a realocização do Rei de Portugal João VI para o Brasil, em 1807, o que levou à independência do Brasil (1815 no congresso de Viena: igualdade jurídica entre Brasil e Portugal). A independência brasileira foi proclamada em 1822 pelo filho e sucessor na Corte do Rio de Janeiro, Dom Pedro I. Só dois anos mais tarde ele iniciou um programa de colonização de grande proporção com a finalidade de desbravar as terras e a pastorícia na região do Rio de Janeiro e toda a parte sul dessa cidade. Os líderes desse projeto, dirigido aos Europeus, tinham a esperança de conseguir, segundo discurso daquele tempo, um chamado “embranquecimento” da sociedade brasileira.

⁴ No contexto do projeto binacional CAPES-DAAD, que promove doutorados duplos implantando o tema *Etnicidade em Movimento/Ethnicity in Motion* (ProBral II: 2015-16), pesquisadores jovens da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação da Prof. Dr. Mônica Savedra, e outros da Europa-Universität Viadrina orientados por mim com ajuda do colaborador da cátedra Dr. Peter Rosenberg, fazem levantamentos de dados nos lugares mencionados e em outros para que sejam transcritos e dicionarizados, para depois serem analisados e interpretados cientificamente (SAVEDRA/HÖHMANN, 2013; JUNGBLUTH, *em breve*).

Por outro lado, as consequências da industrialização nas cidades e no campo foram tão intensas que os emigrantes, trabalhadores do campo, artesãos, pessoas comuns em sua maioria, tinham a esperança de encontrar melhores condições de vida no Novo Mundo. Muitos deles fundaram aldeias fechadas e continuaram falando o dialeto levado da Velha Europa. Havia também outros lugares mistos, onde aconteceram processos de convergência entre diferentes variedades (ALTENHOFER, 1996, 2016). A comunicação com a sociedade brasileira ambiental era deixada frequentemente para membros individuais; assim, havia naquele tempo poucos falantes bilíngues e casos excepcionais.

A minoria grega na geórgia

Semelhantemente aos moradores das aldeias no Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os moradores das aldeias gregas no campo na Geórgia também devem ser imaginados como pessoas mais ou menos monolíngues até a segunda década do século XX. Diferente da América Latina, a alfabetização em russo, em cirílico, русский язык, “ruskiy yazyk”, formou parte do programa do ensino da União Soviética e foi divulgada nas décadas posteriores, aberta para todos os cidadãos, também para adultos. Anteriormente havia membros que, sem dúvida, tinham certas competências em segundas línguas, seja armênio, seja russo, seja georgiano. Hoje em dia, o russo perdeu a sua posição dominante para o georgiano, língua nacional. A sua escritura é única, muito antiga, a.C., transmitida de geração em geração: ქართული ენა “kartuli ena”.

A Geórgia é um país multilíngue onde 16% da população pertence a uma minoria linguística. A minoria grega se autodefine como uma nacionalidade de acordo com o sentido semântico pós-soviético, mesmo que os falantes usem duas línguas incompreensíveis entre si. Enquanto uns usam a língua Urum, semelhante ao turco, às línguas aglutinantes (SKOPETEAS, *in press*), os outros falam Grego Pôntico (HÖFLER, 2016), mantendo traços de uma forma antiga do grego. Os dois grupos são unidos pela fé grega-ortodoxa (HÖFLER, 2016), o que representa um motivo muito importante para a sua migração, já que, no tempo de Nicolaus I, eles fugiram da pressão de converter-se ao islamismo em sua pátria original.

Os antepassados da minoria grega migraram também no século XIX, saindo da zona chamada Ponto, perto do Mar Negro. Aquela zona coincide com o território grego-ortodoxo de seis dioceses (XANTHOPOULOU-KYRIAKOU, 1991; ELOEVA, 1998). Muitos dos gregos gregorianos têm as suas raízes nas cidades Kars, Erzurum, Trabzon e Gümüşhane, ou nas aldeias ao redor localizadas no nordeste de Anatólia. Para os dois grupos que formam um só grupo, *berdznebi* “Gregos”, o censo georgiano de 2002 listou apenas 15.200 membros (NATIONAL STATISTICAL OFFICE OF GEORGIA, 2011, p. 22). Entretanto, o seu número baixou para uma terceira parte⁵ (LOLADZE, 2016), porque os Éllines “Hellenos”, reconhecidos como compatriotas pela Grécia, gozam de um aceso privilegiado, se comparado com outros georgianos dispostos a migrar quando eles remigram/remigraram à sua pátria, “*homeland*”. Eles conseguiram passaporte europeu, facilitando seus movimentos migratórios posteriores assim que alguns deles optaram por tentar a vida em outros países (veja a última parte dessa contribuição). No entanto, eles sofreram também no “país dos seus antepassados” comportamentos de exclusão, em particular porque a sua língua difere audivelmente da língua grega moderna e as suas práticas culturais próprias mudaram por causa do contato com as outras culturas do Cáucaso, o que leva os moradores autóctones da Grécia a reagirem com certo espanto (KARTVELISHVILI, *in press*).

Durante mais que dois séculos, o russo foi muito importante, no tempo do Império Russo (a partir de 1801) e também no tempo da União Soviética (a partir de 1921), ainda que com uma matiz diferente. Além de funcionar como língua da administração, no tempo soviético, o russo foi usado também como língua franca para o contato entre os diversos grupos étnicos. Isso

⁵ “Since the 1990s, the outflow of the population involved all ethnic groups residing in the country – including the Greek population. In addition to considering the afore mentioned factors which directly influenced the emigration process in Georgia and affected the entire Georgian population, the aim of this study is to identify the specific conditions and factors that led to the massive out-migration of the Greek population. According to general censuses, this outflow reduced the Greek share of the population from 1.9% in 1989 (100,324 individuals) to 0.3% (15,166) in 2002 (See Tab. 1). It is also noteworthy that, due to migration, the share of the Greek population has further decreased since 2002, and currently fluctuates between 3,000 and 5,000 according to estimates by the Federation of the Greeks of Georgia.” (LOLADZE, Nika, Greeks of Georgia: Main factors and motivations of emigration, STUF 2016, p. 175-176.)

também vale para os lugares onde os gregos gregorianos moravam (ZOUM-PALIDIS, 2013). Só a partir da independência da Geórgia (a partir de 1991) que o poder da língua nacional gregoriana aumentou, e no contexto escolar está superando o russo. Em muitos lugares os estudantes aprendem inglês, ultrapassando o russo como primeira língua estrangeira (PAVLENKO, 2008).

Desde então, muitos cidadãos das minorias fazem esforços para aprender a língua gregoriana, falada e escrita (KOCK KOBALDZE, 1999). A reforma educativa de 2005 reforçou o gregoriano ainda mais, implantando essa língua como língua do ensino em todas as escolas do país. Os sinais mostrando os nomes das ruas, posicionados recentemente em T'sal'ka⁶, onde uma parte dos dados do nosso projeto de pesquisa *The impact of current transformational processes on language and ethnic identity: Urum and Pontic Greeks in Georgia*⁷ foram coletados, refletem essas mudanças. Ao lado da língua gregoriana, aparece o nome da rua também em letras latinas, atualmente comum em toda Geórgia, apesar de em outros lugares o cirílico, e às vezes o grego, formarem parte do *Linguistic Landscape*⁸.

Como anunciado anteriormente, apresentarei, em seguida, uma comparação entre as duas minorias, focando o uso da(s) língua(s) ao longo de três gerações: dos filhos, dos seus pais e dos seus avós. A fim de manter uma sequência histórica, vou começar com os últimos.

Os avós e o seu uso da(s) língua(s)

Os avós dos jovens de hoje moraram e trabalharam no campo, tanto no caso do Brasil como no caso da Geórgia. No contexto de suas aldeias, eles usavam as variedades que os seus antepassados tinham trazido para as novas terras da imigração: Pomerano ou Hunsrück, no Brasil⁹, Grego Pôntico (= Grego Velho) ou Urum, no Cáucaso (para mais informações sobre a comunidade

⁶ Georgisch წალკა, Armenisch Ծալկա, Griechisch Τσαλκα; Russisch Цалка.

⁷ Agradecemos o apoio da fundação # 87 169 VWStiftung (2013-2016).

⁸ Por exemplo, propaganda como anúncio em painéis, cardápios, epitáfios e outros textos escritos em cemitérios.

⁹ Além disso, migrantes de outras regiões da Alemanha falando as suas variedades dialetais próprias também formaram parte desse movimento, entre eles camponeses do sul da Alemanha, bem afastado do Hunsrück e do Pommern. Entretanto, o seu número foi pequeno se comparado com aqueles que partiram do Nordeste (Pommern) ou do Oeste (Hunsrück).

de Urum, ver: HÖFLER, 2011, 2016; SKOPETEAS, 2016). Muitos deles eram monolíngues quando chegaram e assim continuaram por muito tempo. Atualmente eles apresentam conhecimentos ao menos passivos da língua do seu entorno e podem, portanto, participar de conversas bilíngues, compreendendo o conteúdo (JUNGBLUTH, *in press*).

Eles, certamente, não falam as mesmas variedades levadas pelos seus antepassados migrantes, já que a mudança nas pequenas comunidades de fala também acontece passando a língua de uma geração para a outra. Contando com entre quatro ou cinco gerações em cada século, cada língua teve várias alterações, acompanhando o processo de aquisição da primeira língua (ver “gradual language change across generations”, BAKKER/MATRAS, 2013, p. 4).

Além disso, a influência recíproca das variedades deve ser considerada, as quais começam no nível da fala (“Mundart”), representando o uso possivelmente divergente de famílias ou grupos pequenos, até o dialeto, congregando as falas mencionadas e/ou outros dialetos. Essas influências frequentemente mostram traços assimilantes, ou seja, os traços convergentes têm uma probabilidade maior de permanência se comparados com aqueles usados só em uma das variedades.

Finalmente, o contexto particular de uma integração em um contato entre línguas que não têm relação de parentesco íntimo dentro de uma mesma família deve ser considerado como dinâmico *a fortiori*. Essa influência não se expressa apenas em forma de empréstimos (por exemplo, termos específicos da cultura), mas provoca também mudanças nos níveis morfossintáticos e pragmáticos. De acordo com Bakker e Matras (2013, p. 3), “in multilingual communities, languages are known to become structurally similar to one another through the process called *convergence*”.

Sobre a escrita, jovens pesquisadores perceberam que os seus questionários, distribuídos entre os mais idosos, descendentes de migrantes alemães, tinham um sucesso maior quando usavam uma ortografia perto do português brasileiro, *Hunsrik xraywe* “Hunsrückisch schreiben” (MASELKO, 2013), ao invés de representar a sibilância segundo a norma prescritiva da ortografia alemã usando *s-c-h* (HAMESTER / MASELKO / SOLANGE / DEWES, 2014). Parece que a sua alfabetização na terra brasileira tinha como objetivo único escrever o português brasileiro. Nesse sentido, as letras latinas são usadas

para as duas línguas. Eles são capazes de transferir a técnica com as restrições mencionadas também para o dialeto alemão e o alemão padrão, no entanto, as ocasiões para a leitura e escrita são, até hoje, quase sem exceção, ligadas à língua nacional brasileira.

Até certo ponto, o mesmo vale para os gregos na Geórgia. Urum¹⁰ é uma língua sem escrita que até hoje só está representada em forma escrita em contextos científicos. O Grego Pôntico está relacionado ao Grego Antigo e ao Grego Moderno e para a escrita consequentemente se usam as letras gregas. Atualmente, muitos gregos têm mais prática usando sinais cirílicos, já que, semelhantemente ao contexto brasileiro, as ocasiões para praticar (esporadicamente) outra língua além do russo são escassas. O russo foi a língua preferida pelos membros das minorias para solucionar atos administrativos até o fim da União Soviética.

Só alguns adquiriram algum conhecimento em contexto religioso do alfabeto grego e uma rotina passiva no seu uso (poucas vezes também ativa).

Os pais e o seu uso da(s) língua(s)

Vou continuar com os pais desses jovens de hoje. Eles nasceram mais ou menos na segunda metade do século XX. Eles são bilíngues e, considerando também as variedades do alemão presentes, até multilíngues. Com poucas exceções, eles falam as línguas administrativas (no caso da Geórgia, a língua administrativa usada no tempo passado), e muitos frequentaram a escola, ao menos por algum tempo, sendo, portanto, alfabetizados. Eles expressam a sua identidade bilíngue por meio de um discurso bilíngue¹¹. De acordo com Bakker e Matras (2013, p. 5) “[...] the motivation described by Bakker (1997) [is] to flag bilingual identity in the form of mixed utterances [...]”.

Ao contrário da infância dessa geração, as suas crianças não crescem em um ambiente fechado. A televisão faz parte do dia a dia em todas as famílias, propagando notícias na língua oficial, telenovelas brasileiras e séries russas, que formam parte da vida cotidiana. Também o rádio, apesar de raro, transmite, muitas vezes, em língua minoritária. Os membros dessa geração têm um raio de informações maior, se comparados com os seus pais (veja a seção anterior), conhecem um espaço social e geográfico mais extenso. Alguns mem-

¹⁰ As suas fontes históricas multilíngues são provadas (RIES et al., 2014).

¹¹ Veja POPLACK, 1980; TRACY/LATTEY, 2010.

bros do grupo grego na Geórgia chegaram a estudar fora do país, na Rússia. Eles viajavam com caminhão ou coletivo para chegar à próxima cidade com a meta de cumprir com as exigências administrativas, ir a uma consulta médica com um especialista ou comprar algum produto que esteja ao alcance de suas frequentemente escassas possibilidades econômicas.

Os jovens e o uso da(s) língua(s)

A educação dos seus filhos, os adolescentes e jovens adultos de hoje, foi mais profunda. Quase todos concluíram a educação básica. Alguns tiveram a oportunidade de aprofundar os seus estudos com uma educação secundária e poucos chegaram a frequentar um curso universitário¹². Algumas famílias migraram para as cidades mais próximas ou as metrópoles, como Rio de Janeiro ou Tbilisi. Nessas vizinhanças, o uso da língua de herança limita-se à família em sentido restrito. Às vezes, o uso é reduzido ao contato com os avós, que frequentemente continuaram morando no campo. Como os pais sabem se expressar com fluência nas línguas dominantes (no caso dos gregos a língua russa, só em alguns casos também o gregoriano), e acreditam que essas línguas possibilitariam a ascendência social de seus filhos, eles falam com os seus filhos essas outras línguas e deixam de falar, ou falam cada dia menos, as suas línguas de herança¹³.

Os alemães entre eles falam majoritariamente português brasileiro, e, no caso da Geórgia, as pessoas se comunicam com os (novos) vizinhos em georgiano ou russo. A terceira geração fala o gregoriano sem dificuldades, que passou a representar a sua língua dominante. No contexto escolar, o ensino do inglês precede o ensino do russo. Na rede virtual, usam um gregoriano transliterado, inglês e russo. A escolha leva em consideração as competências dos internautas-interlocutores participantes.

Os conhecimentos entre os germanos variam. O ambiente do recém-nascido, e particularmente os seus contatos sociais nos primeiros anos, são marcados pelo uso da língua de herança, já que os avós assumem a responsa-

¹² No caso dos gregos de Geórgia e outras pessoas do mundo soviético, isso já foi possível para os pais desses jovens, a geração anterior.

¹³ Essa escolha assimilante é comum para áreas de assentamento e muitos países de acolhimento. Isso foi recomendado por professores, médicos e especialistas nos centros sociais que dão conselhos aos pais imigrantes, por exemplo, em países de forte imigração no século XX, como Estados Unidos e Canadá.

bilidade total ou parcial do cuidado de seus netos depois do seu nascimento, quando bebês e quando crianças. Os germanos nascidos depois frequentemente crescem em outro contexto. Eles têm menos contato com os avós e, entre eles, falam apenas na língua dominante (nacional), compartilhando esse uso com os seus amigos da mesma idade (os chamados *peers*). Geralmente, quando eles migram com os seus pais para a cidade, eles perdem o hábito de se expressar em sua língua de herança, entretanto, eles regularmente conseguem manter os seus conhecimentos passivos durante o tempo em que os avós permanecem vivos e a família não perde o contato com eles. O contato com a sua língua de herança por cinco horas semanais, como mencionado no início dessa contribuição, é necessário para assegurar a rotina de fala, e eles só experimentam isso em casos excepcionais.

Brevemente, e em forma de anexo, gostaria de relacionar a situação dos emigrantes que retornam ao Japão às duas comunidades destacadas nessa contribuição, e voltar à regra das três gerações. Acredito que as experiências recentemente vividas na Ásia têm certa relevância para avaliar os desenvolvimentos das comunidades multilíngues na América de Sul e Leste Europeu. Nos anos oitenta do século XX, o Japão experimentou um crescimento econômico e, em busca de mão de obra, decidi convidar os seus compatriotas que moravam no Peru e no Brasil¹⁴, entre outros países latinoamericanos, para retornarem à sua pátria. O convite incluiu as três últimas gerações, já que se pensava que os mais jovens também falassem o japonês de forma natural. Semelhantemente ao caso dos gregos georgianos privilegiados a retornar à Grécia, o ato oficial japonês de 1990, *Immigration Control and Recognition Act* (GOTTLIEB, 2008, p. 133), privilegiou os migrantes de descendência japonesa, a fim de que eles conseguissem os documentos de cidadania, incluindo os descendentes até a terceira geração. No contexto escolar, os responsáveis reconheceram que a presunção implícita da regra das três gerações não funcionava: os alunos remigrantes não tinham conhecimentos do japonês equivalente aos jovens da mesma faixa etária crescidos no arquipélago japonês. Pela primeira vez, foi necessário desenvolver um currículo de japonês como segunda língua para assegurar a educação escolar dos recentemente chegados, facilitando, assim, a sua integração social (VOGELANG, 2016).

¹⁴ O Peru é também um país de onde remigra muita gente de descendência japonesa.

Geralmente, em contextos de migração nas últimas décadas para a terceira geração, a dos adolescentes e jovens adultos, pode-se observar uma mudança para a língua dominante no respectivo contexto nacional. O que se refere aos seus conhecimentos, comparável nesse aspecto aos seus avós, eles praticam um uso monolíngue, nesse caso, a língua nacional: português brasileiro para o Brasil e georgiano para a Geórgia. Eles normalmente não dominam a sua língua de herança, ou a dominam de forma rudimentar, reduzida a certos contextos, o que pode ser relacionado à caracterização como língua de herança.

Conclusão e perspectivas

As mudanças sociais, particularmente as mudanças políticas e econômicas das últimas três décadas, ainda que com certas diferenças nos dois países comparados, provocaram o desuso sucessivo e até a perda das variedades e línguas minoritárias alóctones. A geração mais jovem aprende raramente a língua de seus pais e avós e não a usa para a comunicação com um número elevado de interlocutores.

Nesse momento histórico aparentemente anacrônico, a sociedade brasileira passou a reconhecer a sua riqueza linguística e busca implementar apoio ao desenvolvimento da sua diversidade linguística. Há iniciativas para uma educação bilíngue durante os primeiros dez anos, o que, para os alunos que não compartilham a descendência linguística-cultural escolhida na sua comunidade, significa uma imersão em outro contexto linguístico-cultural. Isso representa uma tentativa de formar novos falantes para frear a perda das línguas minoritárias, autóctones ou alóctones. Nesse momento, ainda não pode ser previsto se essas iniciativas limitadas a poucas comunidades, e com recursos também limitados, serão aptas e suficientes para frear de verdade a mudança ou, ainda melhor, reverter a perda da rotina de forma substancial e sustentável.

Sobre o contexto da Geórgia, a comunidade dos gregos georgianos se disseminou drasticamente a partir do fim da União Soviética. A crise da Grécia certamente provocou um certo movimento de retorno à Geórgia, mas a maior parte dos jovens prefere continuar a sua migração para outros países europeus, como Chipre (ZOUNPALIDIS, 2016) ou Alemanha, e alguns preferem os Estados Unidos (LOLADZE, 2016). Se os laços entre os georgianos moradores de Geórgia e os outros que migraram são suficientemente fortes, e o uso

dos meios de comunicação modernos que favorecem a interação entre eles se convencionalizarem bastante para praticar um uso recíproco e suficientemente intenso da língua necessário para dar continuidade a seu uso em outras terras, essa questão pode ser o ponto de partida para pesquisas futuras.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.

_____. Die Sprachkarte als “Lupe” zur Erkennung von Sprachwandel und Variation: Pluridimensionale Makroanalysen am Beispiel des Hunsrückischen in Südamerika. Apresentação no Colóquio *Mehrsprachigkeit und Minderheitensprachen*, Frankfurt (Oder): EUV, 01/2016.

BAKKER, Peter / MATRAS, Yaron., Introduction. In: BAKKER, Peter / MATRAS, Yaron (eds.). *Contact Languages. A Comprehensive Guide*. Reihe: Language Contact and Bilingualism [LCB] 6; Boston/Berlin: De Gruyter, 1-14, 2013.

BOON, Erin Diane. *Heritage Welsh: a study of heritage language as the outcome of minority language acquisition and bilingualism*. Tese de doutorado, Harvard University, 2014. <<http://nrs.harvard.edu/urn-3:HUL.InstRepos:12269827>>

FERGUSON, Charles. Diglossia. In: *Word*, 15, 325–340, 1959.

GAIO, Mario Luis Monachesi. Transculturalidade: etnicidade em movimento no contato linguístico-cultural de línguas de imigração – italianos no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora, Niterói/Frankfurt (Oder): Tese de doutorado (a ser publicada), UFF/EUV.

GAIO, Mario Luis Monachesi / JUNGBLUTH, Konstanze. Etnicidade em movimento. Processos linguísticos e culturais da imigração italiana no Brasil no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora. Apresentação no 11. *Deutscher Lusitanistentag*, Aachen, 09/2015.

GOTTLIEB, Nanette. Japan. Language planning and policy in transition. KAPLAN, Robert B. / BALDAUF, Richard B. (eds.). *Language planning and policy in Asia*. Vol. 1: Japan, Nepal and Taiwan and Chinese Characters, Bristol; Multilingual matters, 2008, pp. 102-169.

HAMESTER, Johann / MASELKO, Mateusz / SOLANGE, Maria / DEWES, Mabel. Hunsrik lerne 'Hunsrückisch lernen'. Dialektunterricht in der deutschen Sprachinsel Südbrasilien. In: *The Journal of Languages for Specific Purposes* 1, 2014, pp. 95–106. <<http://jls.steconomieuoradea.ro/archives/001/jlsp-i1-9.pdf>>.

HÖFLER, Concha Maria. Group belonging beyond language boundaries: Language, religion and identity in the multilingual Greek community of Georgia. In: *STUF* 69-2, 2016, 213-234.

_____. *Georgische Griechen – griechische Georgier?* Zur Identität der Urum-Kommunikationsgemeinschaft Georgiens. Frankfurt (Oder): EUV. Dissertação de mestrado (não publicada), 2011.

HÖFLER, Concha Maria / BÖHM, Stefanie / JUNGBLUTH, Konstanze / SKOPETEAS, Stavros. Urum and Pontic Greeks: Communities and Language Situations. In: *STUF* 69-2, 1-4, 2016.

JUNGBLUTH, Konstanze. (em breve). sprechen – sprach – gesprochen: Deutschsprachige Minderheiten in Brasilien und griechisch- und urumsprachige Griechen in Georgien. In: Eilers, Vera / SERAFIN, Stefan (eds.), *Vivat diversitas – Romania una, linguae multae*. Festschrift für Prof. Dr. Isabel Zollna zum 60. Geburtstag. Stuttgart: Ibidem, 2016.

JUNGBLUTH, Konstanze / ROSENBERG, Peter. *Ethnicity in Motion*: DAAD Projektantrag im Rahmen von ProBral II Doppelpromotionsprogramm, 2014, I-IXX.

JUNGBLUTH, Konstanze. Die Situation des Katalanischen an den Schulen Barcelonas heute, Frankfurt (Main): Magisterarbeit, 1984.

KARTVELISHVILI, Ekaterine. (em breve). *Identity Construction in Oral Narratives of the Georgian Greek Immigrant Community in Greece, Tbilisi*. Ivane Javakhishvili Tbilisi State University (TSU) / Classical, Byzantine and Modern Greek: PhD.

KOCK KOBALDZE, Manana. Minority identity and identity maintenance in Georgia. *Working Papers* 47, Lund University, Dept. of Linguistics, 1999, p.149–168.

LAUDIEN, Sarah. *Halb das Blut ist Deutsch und nacionalidade é brasileiro, então sind wir so durchgeschnitten ne, aber coração chora pros dois*. Eine empirische Studie zum Code Switching in einer deutschen Sprachinsel Brasilien. Frankfurt (Oder): EUV. Dissertação de mestrado, 2010.

LOLADZE, Nika. Greeks of Georgia: Main factors and motivations of emigration, In: *STUF* 69-2, 2016, 175-192.

MASELKO, Mateusz / HAMESTER, Johann / SOLANGE, Maria / DEWES, Mabel. *Hunsrik lërne 'Hunsrückisch lernen'*. Dialektunterricht in der deutschen Sprachinsel Südbraziens. In: *The Journal of Languages for Specific Purposes* 1, 2014, pp. 95–106. <<http://jls.sp.steconomie.ro/ro/archives/001/jlsp-i1-9.pdf>> .

Maselko, Mateusz. 2013. Hunsrik xraywe: A new way in Lexicography of the German Language Island in Southern Brazil, In: *Dialectologia, Special Issue Nr. IV, S. 147–180*, [online], abrufbar:<http://www.publicacions.ub.edu/revistes/dialectologiaSP2013/> [08122013].

MASELKO, Mateusz. Methodologi(sch)e (Probleme) bei der Erhebung von Ausdrucksvarianten des Konzepts der Progressivität in einem Sprachinselnkontext (Riogradenser Hunsrückisch in Südbraziens). Apresentação no *7. Sprachwissenschaftlichen Tagung für Promotionsstudierende*. Eberhard Karls Universität Tübingen (Deutschland), Philosophische Fakultät, 10/2015.

MORELLO, Rosângela. Uma política pública e participativa para as línguas brasileiras: sobre a regulamentação e a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). In: *Gragoatá*, 32, 2012, pp. 31-42.

NATIONAL STATISTICAL OFFICE OF GEORGIA, 2011 <http://www.geostat.ge/cms/files/NSDS%20Geo%20Eng.pdf> [20042016]

OTHEGUY, Ricardo. The linguistic competence of second-generation bilinguals. A critique of “incomplete acquisition”. In: Tortora, Christina / den DIKKEN, Marcel / MONTOYA, Ignacio L. / O’NEILL, Teresa (eds.). *Romance Linguistics 2013: Selected papers from the 43rd Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL)*, New York, 17-19 April, 2013; *Romance Languages and Linguistic Theory* 9, 2016, pp. 301–319.

PAVLENKO, Aneta. Russian in post-Soviet countries, In: *Russian Linguistics* 32, 2008, pp. 59–80.

_____. Linguistic russification in the Russian Empire: peasants into Russians? *Russ Linguist* 35, 2011, pp. 331–350. <http://astro.temple.edu/~apavlenk/pdf/Russian_Linguistics_2011_Pavlenko.pdf>

POPLACK, Shana. Sometimes I’ll start a sentence in Spanish y termino en español: toward a typology of code-switching. In: *Linguistics* 18, 1980, pp. 581-618.

RIES, Veronika / SKOPETEAS, Stavros / TURAN, Emrah / NAHRMANN, Kristin. Discovering the prehistory of multilingual situations in the lexicon. An empirical study on the Caucasian Urum vocabulary. *Linguistik Online*. 64(2), 2014, pp. 7-28.

ROSENBERG, Peter. Comparative speech island research: Some results from studies in Russia and Brazil. In: KEEL, William & MATTHEIER, Klaus J. (eds.). *Deutsche Sprachinseln weltweit: Interne und externe Perspektiven. German Language Varieties Worldwide: Internal and External Perspectives*. Bern/ Frankfurt am Main: Peter Lang, 2003, pp. 199-238.

_____. Anything goes? The gains and losses of the constructivist view on ethnicity: Some considerations based on German 'language islands' studies. In: ROSENBERG, Peter / JUNGBLUTH, Konstanze / ZINKHAHN RHOBODES, Dagna (eds.). *Linguistic Construction of Ethnic Borders*. Bern/ Frankfurt am Main: Lang, 2015, pp. 149-166.

SAVEDRA, Mônica Maria G. / HÖHMANN, Beate. Das plurizentrische Deutsch in Brasilien und die regionale Kooffizialisierung eines ostniederdeutschen Dialekts. In: SCHNEIDER-WIEJOWSKI, Karina / KELLERMEIER-REHBEIN, Birte / HASELHUBER, Jakob (eds.). *Vielfalt, Variation und Stellung der deutschen Sprache*. Berlin: De Gruyter, 2013, pp. 411-426.

SCHNEIDER, Edgar. The Dynamics of New Englishes. From Identity Construction to Dialect Birth. *Language* 79, 2003, 233-281.

SKOPETEAS, Stavros. (In press). The Caucasian Urums and the Urum language/Kafkasya Urumları ve Urum Dili. In: EKER, Süer / ÇELİK, Ülkü (eds.). *Handbook of Endangered Turkic Languages*.

SKOPETEAS, Stavros. *Urum*. 2016. <[http://urum.lili.uni-bielefeld.de/\[31052016\]](http://urum.lili.uni-bielefeld.de/[31052016])>

TACKE, Felix. Sprache und Raum in der Romania. Beihefte der Zeitschrift für Romanische Philologie 395. Berlin/Boston: De Gruyter, 2015.

TRACY, Rosemarie / LATTEY, Elsa. It wasn't easy but irgendwie äh da hat sich's rentiert, net?: A linguistic profile. In: ALBL-MIKASA, Michaela / BRAUN, Sabine / KALINA, Sylvia (eds.). *Dimensionen der Zweitsprachenforschung*. Tübingen: Narr, 2010, 53-73.

VOGELSANG, Sara. Die Sprachpolitik Japans und Singapurs im Vergleich: Mono vs. Multi?. Frankfurt (Oder): Europa-Universität Viadrina: *Dissertação de mestrado*, 2016.

ZINKHAHN RHOBODES, Dagna. *Sprachwechsel bei Sprachminderheiten: Motive und Bedingungen: eine soziolinguistische Studie zur deutschen Sprachinselminderheit in Blumenau, Brasilien*. Stuttgart: Ibidem, 2012.

ZOUMPALIDIS, Dionysios. We and they: Inter- and intra-communal ethno-linguistic borders within the Pontic Greek community in Cyprus. In: *STUF* 69-2, 2016, 235-253.

_____. Russian language – Greek identity: A sociolinguistic approach to the Pontic Greek community in Russia. In: SMYTH, Sarah / OPITZ, Conny (eds.). *Negotiating linguistic, cultural and social identities in the post-Soviet world*. Bern/Berlin: Peter Lang, 2013, p. 227–245.

COMPARING THE LANGUAGE USE OF MINORITY LANGUAGE SPEAKERS: THE CASE OF THE GERMAN DESCENDENTS IN BRAZIL AND THE CASE OF THE GREEKS IN GEORGIA

ABSTRACT

Minorities are regularly the result of migration processes. My contribution compares the language use of two groups who share a migration experience of several generations, one of them German living in Brazil the other one Greek settling in Georgia. Which languages do the young adults conventionalize? How does this language use differ from the practice of their parents and their grandparents?

KEYWORDS: minorities; migration; language use.

Recebido em: 31/05/2016

Aprovado em: 09/11/2016